

O CINEMA LITERÁRIO DE BETO BRANT

Aluno: Pedro Henrique Villela de Souza Ferreira

Orientador: Vera Lúcia Follain de Figueiredo

Introdução

A literatura e o cinema mantêm estreitas relações desde o início do século passado. Já nos primórdios do cinema, Griffith e Eisenstein vão recorrer à literatura para formular uma linguagem cinematográfica clássica. Recentemente, a partir do final do século XX, as trocas entre cinema e literatura têm sido repensadas pela crítica cinematográfica, rejeitando-se, cada vez mais, a concepção tradicional de adaptação e a noção de fidelidade à obra literária original. Abre-se espaço para a idéia de ressignificação da obra, o que implica o abandono da busca de analogias entre signos cinematográficos e signos literários. Daí, desdobram-se algumas das questões fundamentais abordadas pelo cinema contemporâneo neste início de século.

Objetivos

No âmbito desta pesquisa, buscou-se pensar a relação entre literatura e cinema brasileiro, nesta primeira década do século XXI, a partir da análise dos filmes *O Invasor* e *Crime Delicado*, do diretor paulista Beto Brant, ambos baseados em obras literárias e tendo seus roteiros elaborados por um roteirista que é também escritor. Pretendeu-se verificar como se manifesta na fatura dos filmes a parceria entre um escritor-roteirista e um diretor que busca no texto literário não só o argumento, mas também uma diretriz poética para o tratamento do tema. Na abordagem desta questão, foi considerado o fato de muitos escritores brasileiros exercerem, hoje, a atividade de roteiristas, indagando-se até que ponto este fenômeno tem interferido no processo de criação literária.

Metodologia

Foram realizadas leituras de textos teóricos que discutem a relação entre os dois tipos de narrativa (a literária e a cinematográfica) e as particularidades de cada uma. Foram lidos também ensaios que discutem o conceito-chave de transcrição, bem como as problemáticas inerentes a qualquer processo de adaptação entre meios. Filmes brasileiros baseados em obras literárias foram assistidos para que se pudesse estabelecer semelhanças e diferenças no processo de transcrição, em momentos diversos.

Dos filmes tomados como objeto de análise, *O Invasor* teve como roteirista o próprio autor do romance, Marçal Aquino. Já *Crime Delicado*, também roteirizado por Marçal Aquino, baseou-se no romance de Sérgio Sant'Anna.

Conclusões

Rejeitada a concepção tradicional de fidelidade, alguns teóricos têm procurado pensar, em outro diapasão, os espaços de interseção entre a obra literária e o filme. Ismail Xavier busca tal horizonte na trama e no ponto de vista, características comuns ao meio cinematográfico e literário; Randall Johnson chama a atenção para a importância da distância temporal, contextual e ideológica que pode separar diretor e escritor, negando a existência de qualquer analogia entre os signos dos dois aparatos; Denílson Lopes volta-se para o que vai chamar de tangível campo da sensibilidade – das imagens, imaginários e personagens-

alegóricos – como espaço onde é possível se estabelecer uma relação entre livros, filmes, ou quaisquer outras formas artísticas.

No caso de *O Invasor*, o processo de diálogo entre as duas artes foi peculiar: o livro é interrompido no meio para que o roteiro seja escrito e filmado, e só depois é concluído. Deste modo, questiona-se a idéia da literatura como obra original, já que o texto literário se completa depois do filme. No processo de elaboração do filme, Beto Brant se propôs a captar o movimento que motivou Marçal Aquino a criar o romance, seguindo, portanto, a linha assinalada por Denilson Lopes, ou seja, a de uma comunhão entre literatura e cinema a partir de uma mesma sensibilidade, de um mesmo imaginário, partilhados pelo diretor e o autor. Para Beto Brant, conforme declara em entrevista, o trabalho de transcrição da obra literária para o cinema passa pela tentativa de “captar o espírito do livro”.

Talvez seja em *Crime Delicado* que Beto Brant consiga atingir de modo mais pleno este propósito, através de um trabalho cuidadoso com a imagem. Enquanto o livro de Sérgio Sant’Anna questiona a racionalidade do discurso verbal como instrumento para atingir uma verdade, Beto Brant usa os signos cinematográficos para questionar o estatuto da imagem como veículo de uma verdade incondicional. A imagem do filme é, então, tencionada a tal ponto que indagamos, durante todo o tempo de duração da película, se o que enxergamos é real ou não. O estatuto da imagem é questionado também porque a possibilidade de traduzir, em palavras, as mensagens visuais é colocada sob suspeita. Deste modo, a narrativa fílmica tematiza seu próprio impasse, já que haveria um abismo entre a imagem, que não poderia ser verbalizada, e a palavra, que não poderia ser traduzida em imagem.

Como se pode concluir, o processo de adaptação é uma tarefa de necessária ressignificação, visto que meios com signos distintos irão gerar, incondicionalmente, obras distintas. No entanto, em tempos de convergência de mídias e em que um mesmo produto cultural é lançado em diferentes meios, cabe pensar a tensão que se estabelece entre esses deslizamentos, cada vez mais frequentes, e as especificidades da linguagem de cada meio. A filmografia de Beto Brant visa a simbiose entre dois meios distintos e talvez, por isso, o diretor seja reconhecido como um “cineasta literário”, o que aponta para o desejo de diluição das fronteiras entre as artes, movimento que se harmoniza com a atual tendência para a criação de obras híbridas e de uma estética multimidiática.

Referências bibliográficas

XAVIER, Ismail. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In: Pelegrini, Tânia et alli (org.). *Literatura, cinema e televisão*. São Paulo: Senac São Paulo, Itáú Cultural.

JOHNSON, Randon. *Literatura e cinema. Macunaíma: do modernismo ao cinema novo*. São Paulo: Queroz, 1982.

LOPES, Denilson. Entre literatura e cinema. In: Maciel, Maria Esther e Sedlmayer, Sabrina (orgs.). *Textos à flor da tela*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. Roteiro, literatura e mercado editorial. *Revista Ciberlegenda*, nº 17, Ano 9, maio/2007, www.uff.br/ciberlegenda.

_____. Canibalismos recíprocos: literatura, cinema e cultura de massa. *Revista Semear*, n. 9, Rio de Janeiro, 2004.